

DF - Brasília

(Todo Caderno)

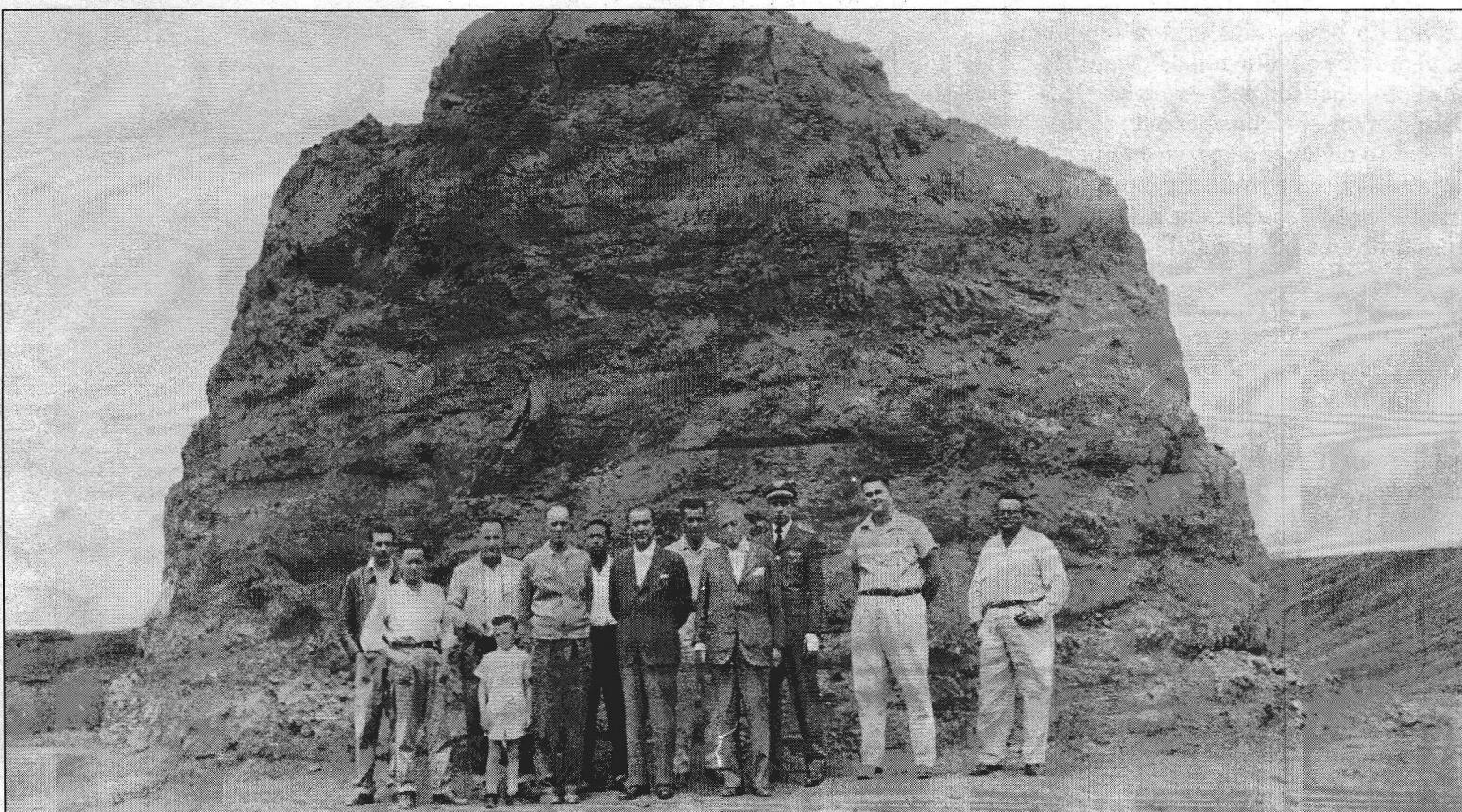
SEXTA-FEIRA, 20 DE ABRIL DE 2001

Brasília anos



A cidade orgulho dos brasileiros

Brasília nasceu do sonho de vários brasileiros em épocas diferentes, passando por Dom Bosco à coragem e otimismo de seu fundador, Juscelino Kubitschek. A história da construção da capital e da trajetória de seus heróis anônimos está contada em imagens e textos nesta edição.



A capital no interior

Brasília começou a se transformar na capital do Brasil há quase dois séculos. Não se sabe quem primeiro defendeu a mudança da capital para o interior, mas a primeira manifestação no Parlamento brasileiro em favor da transferência do poder federal como forma de garantir a ocupação do território, ocorreu com José Bonifácio de Andrade e Silva, ainda no Brasil Império, em 1823, durante a Assembléia Constituinte e Legislativa.

Nove anos depois, na Câmara dos Deputados, um representante do Estado do Pará, João Cândido de Deus e Silva, encaminhava à mesa a primeira proposição, em forma de projeto, mandando que o Governo escolhesse um ponto central, no Império, para edificar a capital.

Em 1833, dois outros deputados, o pernambucano Ernesto Ferreira França e o baiano Antônio Ferreira França, apresentaram projeto no mesmo sentido. Os dois não tiveram tramitação legislativa. O único projeto apresentado durante o Brasil Império que mereceu discussão e exame foi do senador pernambucano Holanda Cavalcanti, em 1852.

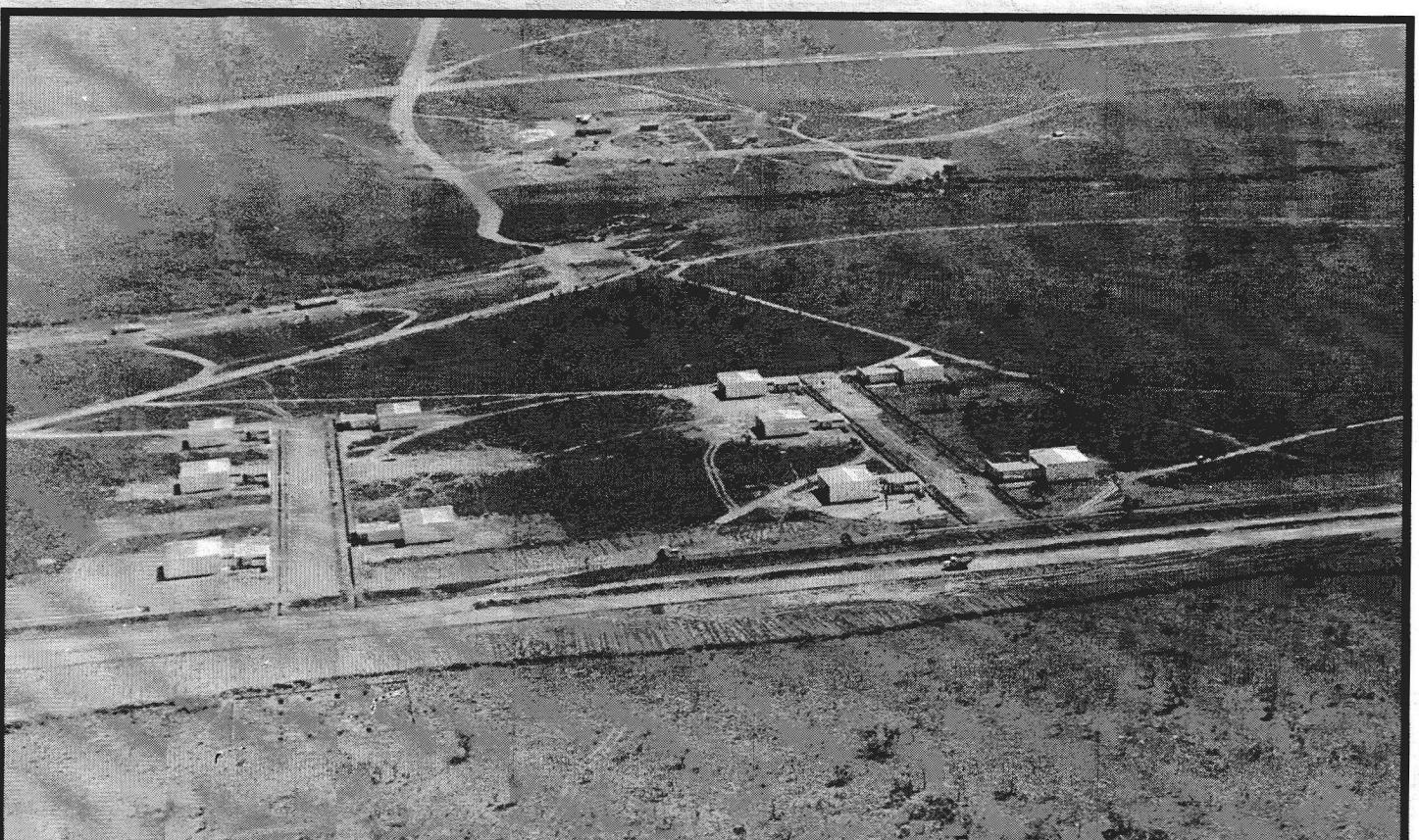
Com a proclamação da República, em 1889, o ideal de interiorização da capital do Brasil transformou-se num imperativo constitucional. O ato do Governo, chefiado pelo marechal Deodoro da Fonseca, considerando a cidade do Rio de Janeiro "provisoriamente sede do Poder Federal", foi a primeira manifestação republicana a favor da criação de uma nova capital.

Dentro deste espírito, incluem-se os constituintes republicanos de 1890/1891 que colocaram no texto constitucional o princípio da mudança e interiorização da capital. A transferência da sede do Governo para o Planalto Central, em letra constitucional, marca a passagem de um século desde a primeira manifestação pela interiorização da capital. Tiradentes foi o preconizador, por intermédio dos ideais da Conjuração Mineira de 1789.

FOTO: MÁRIO FONTENELLE/ARQUIVO PÚBLICO DO DF



CANTEIRO de obras na florecente Asa Sul em março de 1958



VISTA AÉREA de residências sendo construídas pela Novacap no Lago Sul em agosto de 1958

Exploradores chefeados por astrônomo

Nascida de uma trilogia de iniciativas pela interiorização, surgidas no princípio da Primeira República, a Comissão Exploradora do Planalto Central do Brasil teve a missão de estudar e demarcar a área destinada à futura capital do País. O trabalho, realizado em 18 meses, entre os anos de 1892 e 1893, constou de estudos e observações científicas sobre as regiões do planalto do interior goiano. Foi concluído com a demarcação da área de 14.400 quilômetros, destinada à nova capital.

A criação da Comissão Exploradora teve origem no dispositivo da primeira Constituição Republicana, que determinava a demarcação de 14.400 quilômetros quadrados para a construção da sede do Governo. Nogueira Paranaguá, deputado piauiense, propôs a criação de uma Comissão para dar cumprimento ao dispositivo constitucional. O então presidente, Floriano Peixoto, fez cumprir de imediato, a decisão do Congresso.

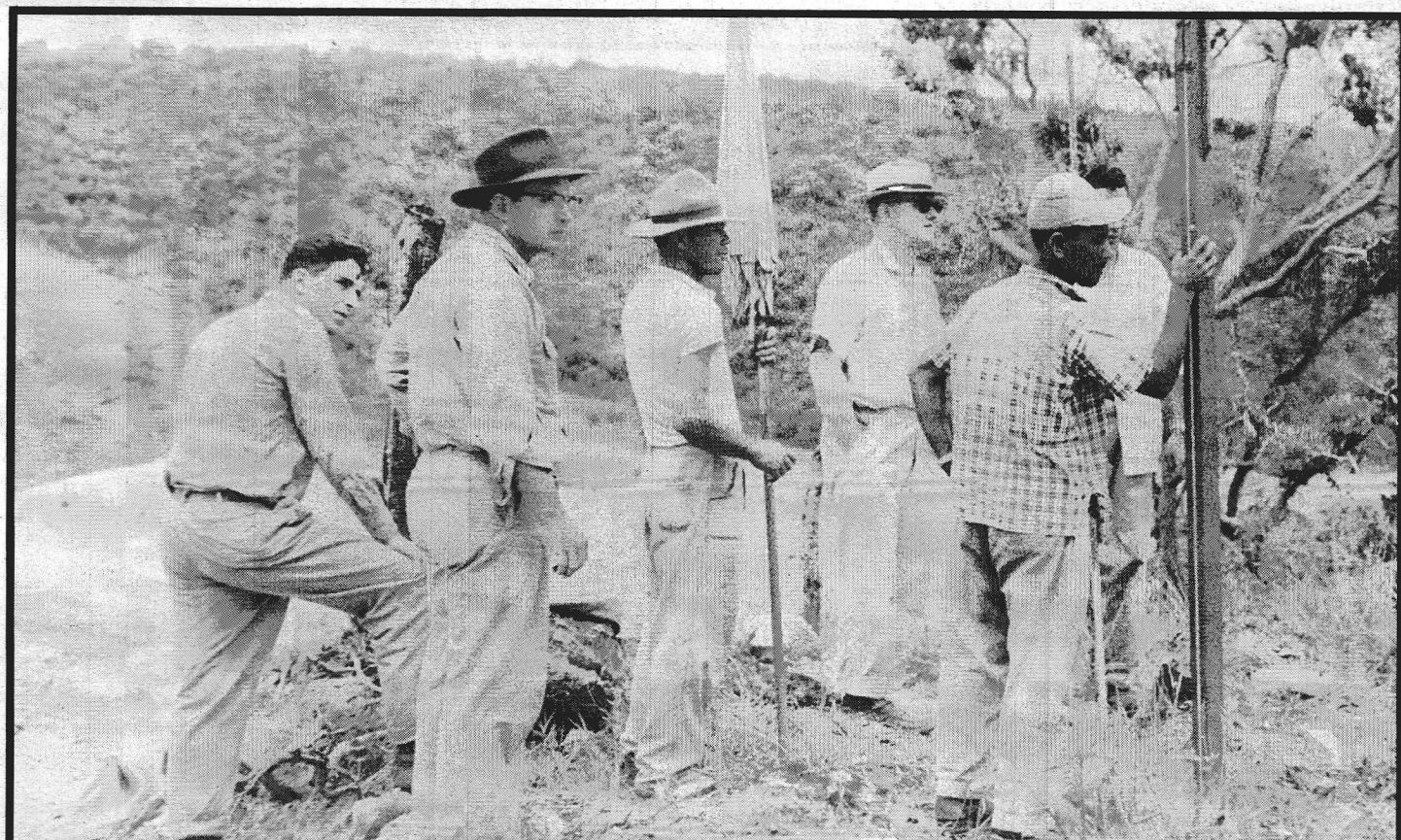
Para a chefia da Comissão foi nomeado, em maio de 1892, o cientista e astrônomo Luiz Cruls, na época diretor do Observatório Astronômico do Rio de Janeiro. Sob sua liderança foi organizada uma equipe formada por astrônomos, engenheiros, higienistas, geólogos, botânicos e naturalistas. Em 9 de junho de 1892, Cruls e seu grupo partiram do Rio de Janeiro para o Planalto Central.

Os estudos e demarcação da área da futura capital do País, no Planalto goiano, resultaram em dois importantes trabalhos escritos. Eles continham observações científicas e o primeiro mapa do Brasil em que aparece um pequeno retângulo, conhecido, inicialmente, como "quadrilátero Cruls" e, oficialmente, por "Distrito Federal".

FOTOS: MÁRIO FONTENELLE/ARQUIVO PÚBLICO DO DF



A PREOCUPAÇÃO com a qualidade de vida e saneamento básico, vem desde a construção da cidade



TOPÓGRAFOS, agrônomos, engenheiros e operários eram os novos bandeirantes do Planalto Central

Estudos apontam lugar ideal

Em 9 de junho de 1893, a Comissão de Exploração do Planalto Central parte do Rio de Janeiro em direção ao interior do País. Os integrantes da equipe chegam de trem a Uberaba (MG), onde organizam o restante da rota. Para demarcar os quatro vértices do quadrilátero, Luiz Cruls divide o grupo em quatro turmas.

Depois de cortar o Planalto na sua parte mais central, convencido da potencialidade da região, Luiz Cruls optou por adotar o sistema de arcos do meridiano e de paralelos, a exemplo dos Estados Unidos, para delimitar os 14.400 quilômetros quadrados indicados pela Constituição.

Luiz Cruls procurou encaixar, dentro da zona a ser limitada, todas as condições favoráveis de clima, hidrografia e riquezas naturais. Com o sucesso da primeira missão, o presidente Floriano Peixoto designa Cruls para uma segunda missão; escolher, na área demarcada um sítio que oferecesse as melhores condições para a edificação da capital federal.

É constituída então a Comissão de Estudos da Nova Capital. Para a escolha definitiva do local onde seria erguida Brasília, deveriam ser levados em conta a salubridade do clima, a qualidade e a abundância das águas, a topografia e a natureza do terreno. A Comissão ainda tinha que instalar uma estação meteorológica para conhecimento completo dos fatores climáticos e fazer um levantamento topográfico de toda a zona de 14.400 quilômetros quadrados.

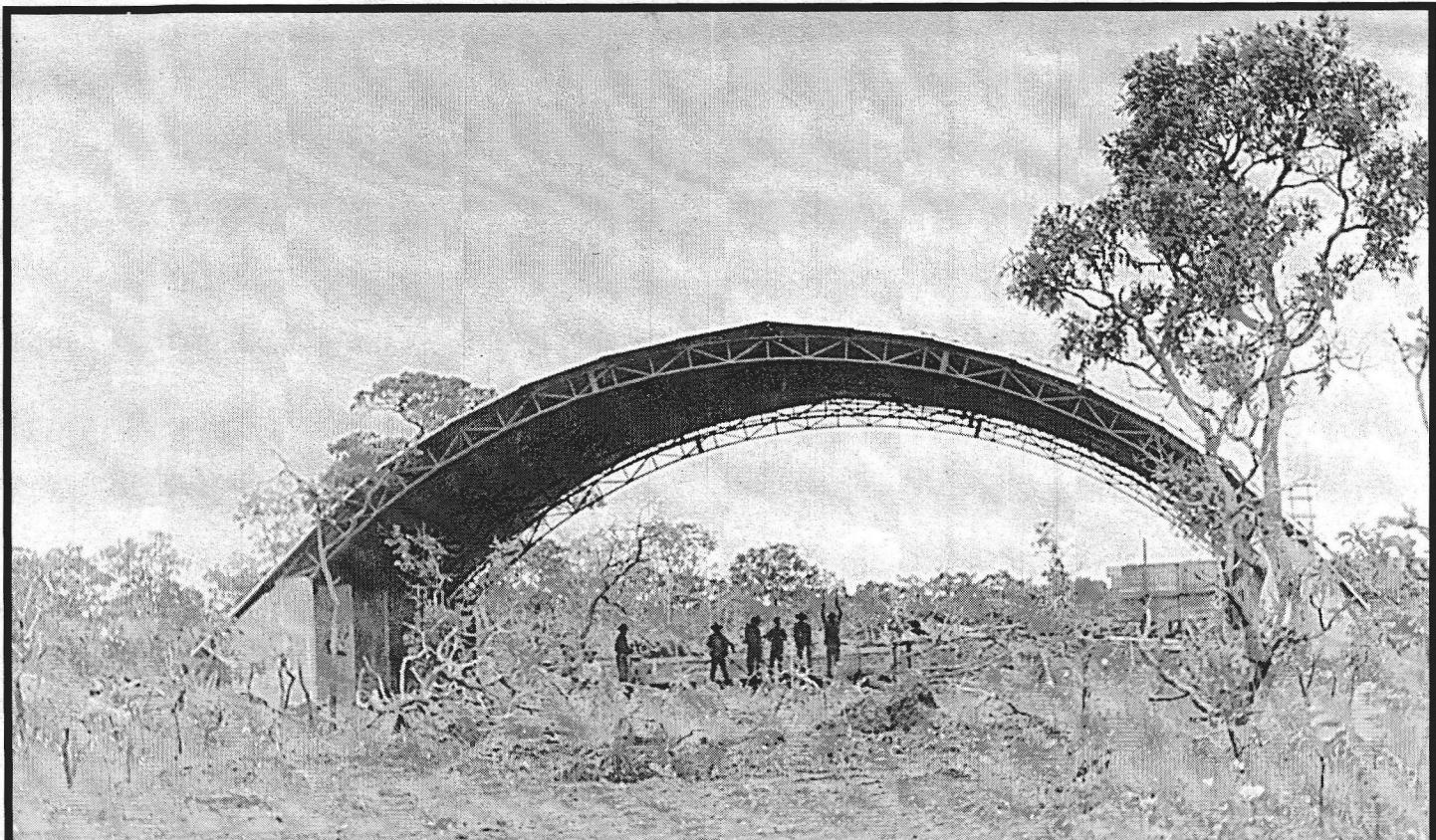
O observatório meteorológico para análise das condições climáticas da região foi montado em 1894, nas proximidades do acampamento de Cruls, a cerca de 5 quilômetros de onde hoje está localizada a cidade-satélite do Cruzeiro. A chefia do observatório foi confiada ao engenheiro militar João José de Campos Curado. Os mais sofisticados equipamentos, à época, foram postos em uso no Planalto Central.

No final de 1895, num relatório, Cruls assegura que, do ponto de vista de qualidade, abundância de água, natureza e topografia do terreno, salubridade e condições climáticas, a melhor área para a construção de Brasília seria a região compreendida entre os rios Gama e Tocantins (onde está hoje o Plano Piloto) ou a situada no vale do Rio Descoberto.



CONSTRUÇÃO do complexo arquitetônico da Estação Roviária (1959/60). Ao fundo, à esquerda, prédio do Banco do Brasil

MÁRIO FONTENELLE/ARQUIVO PÚBLICO DO DF



ARMAÇÃO de ferro do primeiro cinema (Cine Cultura) de Brasília em janeiro de 1958

Mil dias de trabalho

ARQUIVO PÚBLICO DO DF

Depois de uma epopéia de idéias mudancistas e de uma jornada de cerca de mil dias de trabalho, no dia 21 de abril de 1960 finalmente a capital do Brasil ganhava o interior do País. Transformando o seu governo na metasíntese de construir Brasília, o presidente Juscelino Kubitschek de Oliveira põe fim aos anseios de 137 anos pela interiorização da capital.

Em sua primeira mensagem ao Congresso Nacional, JK já se refere à "necessidade da construção da nova capital do Brasil, no Planalto Central". Um mês depois, em abril de 1956, ele assina em Anápolis (GO), uma Mensagem ao Congresso, submetendo à apreciação das duas casas, a delimitação da área para o novo Distrito Federal, e criando a Companhia Urbanizadora da Nova Capital (Novacap). Era também proposto o nome de "Brasília" para a nova sede do Governo.

Aprovada a lei para a construção de Brasília, ainda em 1956, Juscelino convoca, por edital, os interessados no "Concurso do Plano Piloto de Brasília". O projeto do urbanista Lúcio Costa sai vencedor. É nomeado então para a presidência da Novacap o engenheiro Israel Pinheiro. Oscar Niemeyer é contratado para planejar os edifícios da nova capital. Na área do novo Distrito Federal foi construído em 10 dias o Catetinho - Palácio Presidencial Provisório.



CONSTRUÇÃO do Supremo Tribunal Federal em setembro de 1955



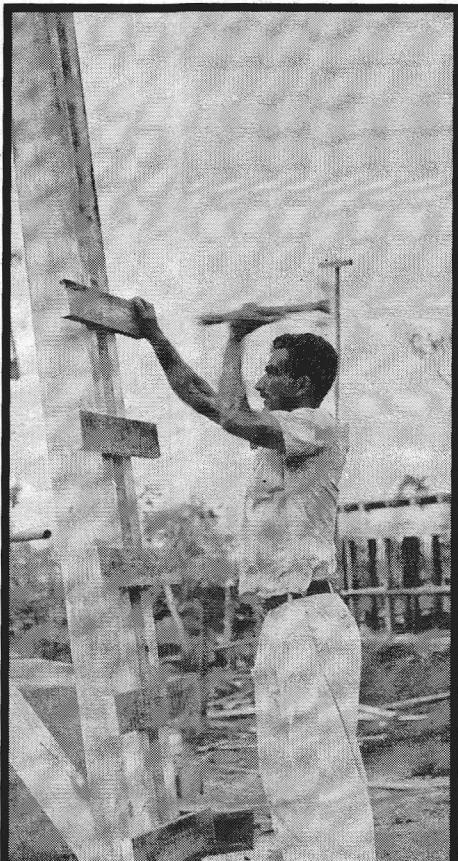
Poeira, cimento e estrutura metálica, compunham a paisagem da Esplanada dos Ministérios

Satélite era núcleo de fixação

Em 21 de outubro de 1965, foi assinado o Decreto nº 456 que organizou o sistema de Administração Regional da Prefeitura do Distrito Federal. Inicialmente, o DF foi dividido nas seguintes regiões administrativas: Brasília, Sobradinho, Planaltina e Paranoá. Os limites territoriais das Regiões Administrativas foram fixados pelo Decreto nº 488, de 8 de fevereiro e 1966.

As cidades-satélites surgiram como núcleos periféricos ao Plano Piloto, em decorrência das necessidades de fixação da população. A decisão de criá-las coube à Novacap. A medida tinha a finalidade de ajudar os candangos a adquirirem terrenos para a construção de suas próprias casas.

Com exceção de Planaltina e Brazlândia, que já existiam antes da construção de Brasília, as demais cidades-satélites foram criadas para absorver a população de invasões dos núcleos provisórios e os funcionários públicos excedentes.



OPERÁRIO num canteiro de obras



PLACA FEITA de madeira indicava onde tinha barbearia e "cunserto" de sapatos



RUMO a Brasília, o sonho de todos os brasileiros que acreditavam na construção da nova Capital

Dom Bosco sonhou com a localização

Setenta e sete anos antes da construção de Brasília, o fundador da Congregação Salesiana, o sacerdote João Bosco, teve em Turim, na Itália, um sonho profético prevendo a construção da capital do Brasil entre os paralelos 15 e 20. Transcrita pelo padre italiano Lemoyne, a visão clarividente permaneceu nos arquivos da Congregação Salesiana até 1935, quando foi publicada na edição "Memorie Bigrafiche" de Dom Bosco.

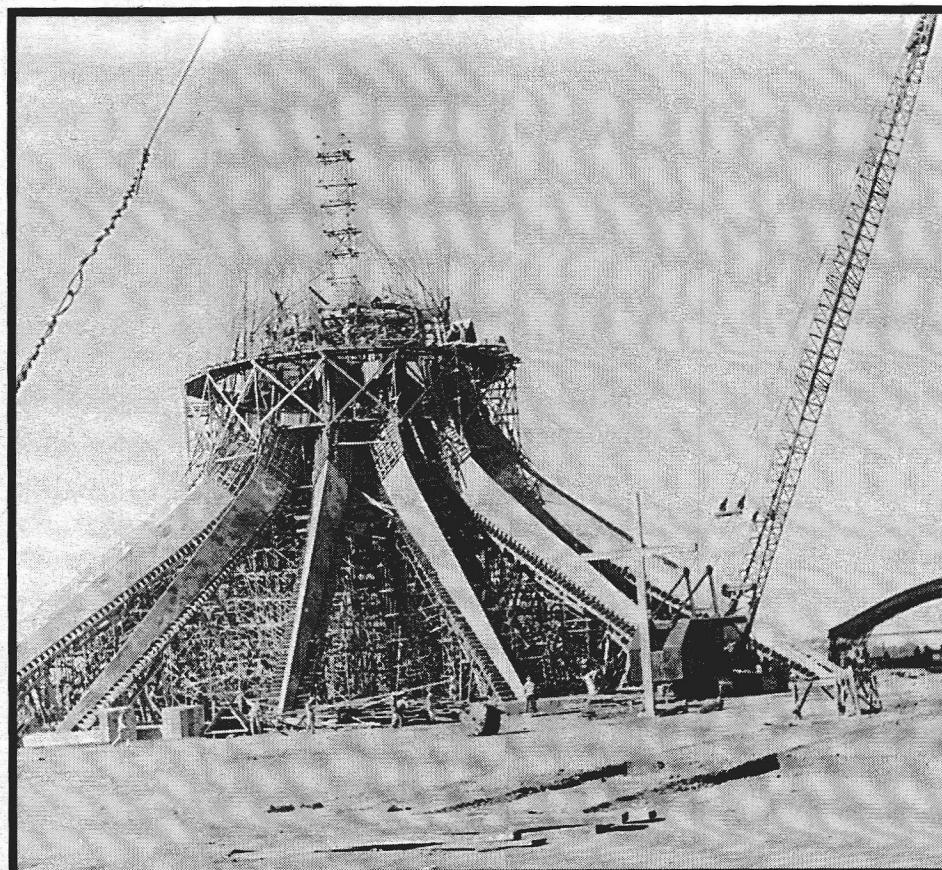
Com o início das obras de Brasília, o engenheiro Israel Pinheiro, que estava responsável pela tarefa de construir a Capital Federal, teve informações sobre o sonho de Dom Bosco. Depois de pesquisa, o relato da visão, ocupando dez páginas no Volume XVI do livro, foi encontrado. Divulgado inicialmente na cidade de Goiânia (GO) o sonho depois repercutiu em toda imprensa nacional.

Na transcrição do sonho, em certo momento, Dom Bosco narra que estava numa estação de trem, onde havia muita gente. Depois de embarcar, pergunta a um jovem guia (de mais ou menos 16 anos), onde se encontrava. Tirando do bolso um mapa, o garoto assinalou a diocese de Cartagena, na Itália - o ponto de partida.

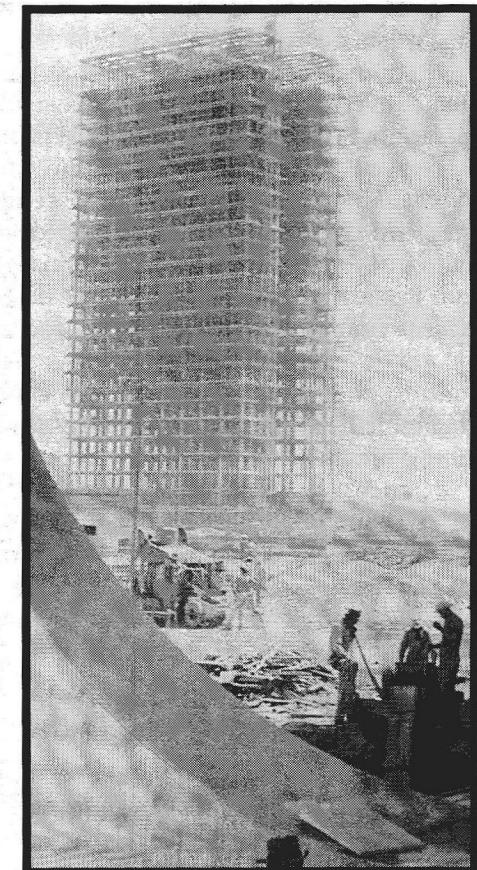
Depois de ver passar pela janela várias partes do Brasil, Dom Bosco descreve a região onde seria construída Brasília: entre os paralelos 15 e 20, numa enseada bastante extensa, que partia de um ponto onde se formava um lago.



A PRIMEIRA missa celebrada em Brasília em 3 maio de 1957



CONSTRUÇÃO da Catedral Metropolitana de Brasília (E) e do Supremo Tribunal. Ao fundo, as torres do Congresso



O fundador

O sorriso e o otimismo eram as principais características de JK

Se você quiser ser adversário de Juscelino Kubitschek, não chegue perto dele." A frase que circulava no Brasil dos anos dourados foi citada por Márcia Kubitschek, filha do ex-presidente, pouco antes de sua morte, em depoimento ao livro *JK, o Estadista da República*, que deve ser lançado dentro da comemoração pelo centenário de Juscelino. É uma dessas frases produzidas pelo folclore político, com toda a carga de realidade e fantasia que o folclore tem. Sedutor por excelência, bem-humorado e afável, Juscelino embaraçava seus opositores: o jeito era se manter à distância para não se deixar envolver por seu carisma.

No mesmo depoimento, Márcia Kubitschek cita uma conversa que teve com o ex-senador Jarbas Passarinho. "Apesar de ter sido adversário de meu pai (...), ele me disse uma frase muito interessante e verdadeira: 'Olha, o presidente Juscelino Kubitschek foi o último presidente feliz deste Brasil'. Acho que é verdade." Não só Márcia concordou com Passarinho. Personalidades de diversas tendências viram e vêm no sorriso de JK o símbolo de um era de euforia e integração nacional, varrida por uma onda desenvolvimentista e embalada por um ambicioso Plano de Metas, que se sustentava sobre o binômio energia e transportes.

"Concordo plenamente com a frase: Juscelino foi o último presidente feliz do Brasil. O sorriso dele irradiava a euforia do país. Era um sorriso diplomático, inteligente e carinhoso", endossa o compositor Carlos Lyra, um dos criadores da Bossa Nova, movimento que prosperou nos anos JK.



*“O presidente
Juscelino
Kubitschek
foi o último
presidente
feliz deste
Brasil”*

Jarbas Passarinho



NA INAUGURAÇÃO de
Brasília, autoridades e
convidados sobem a
rampa do Palácio do
Planalto, para
solenidades

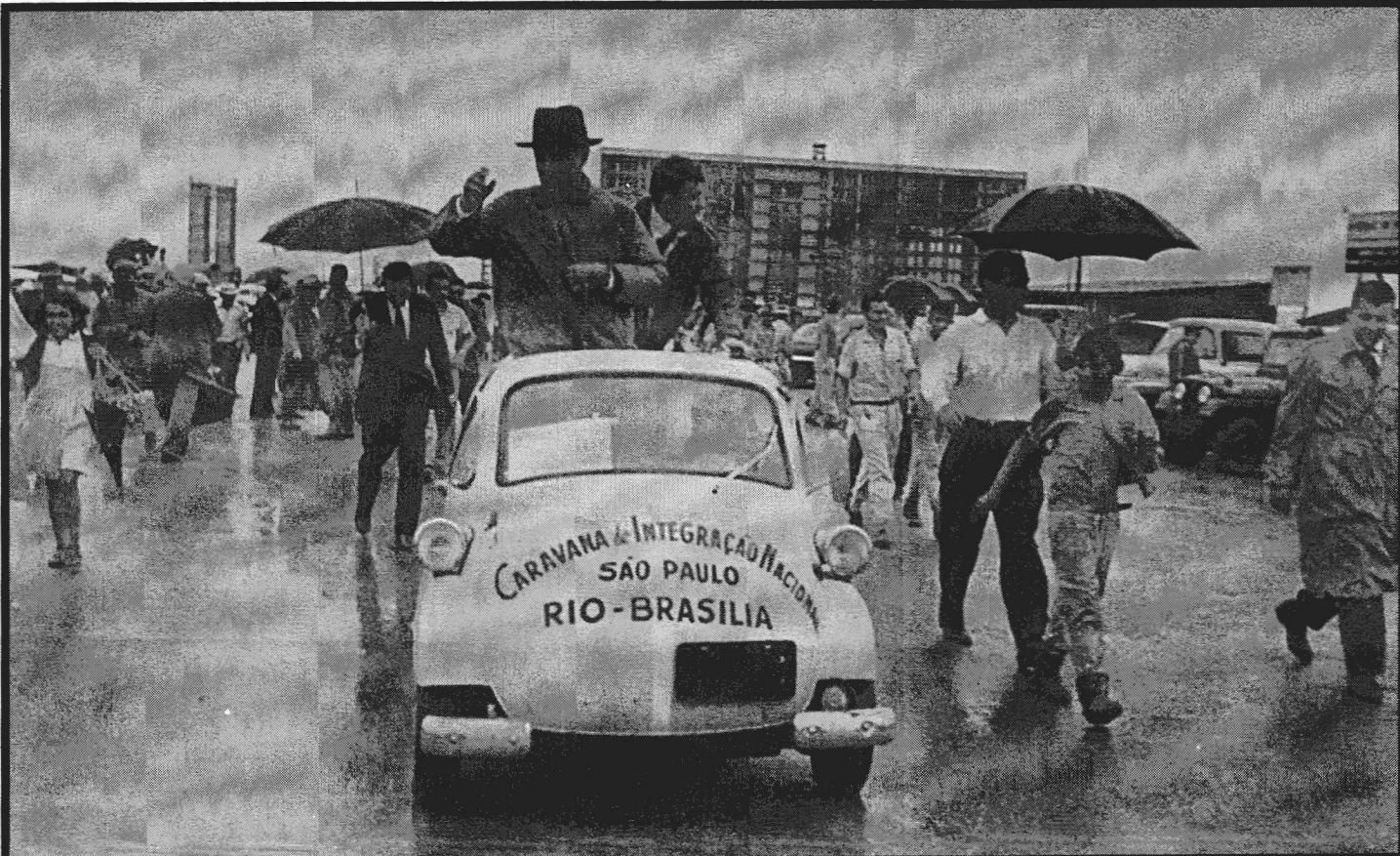


COMEMORAÇÃO
do Dia do
Trabalhador em
1º de maio de
1959, na
construção de
Brasília

“Eu vi um Brasil que dava gosto”

reqüentador das festas promovidas pelo presidente em seu apartamento na Vieira Souto, o músico Carlos Lyra é todo admiração e saudades. “Eu vi um Brasil que dava gosto. Hoje eu tenho vergonha”, afirma, desafiando uma longa lista de conquistas brasileiras no campo das artes e dos esportes durante a era JK.

Carlos Lyra só não elogia os dotes de cantor do ex-presidente, que adorava uma seresta e não se fazia de rogado diante de um microfone. “Ele mal cantava o Peixe Vivo. Mas para cantar seresta não precisava ser muito afinado. E ele não estava nem um pouco preocupado com isso. Queria é cantar”, conta Lyra, que presenciou muitas dessas incursões do ex-presidente pelo mundo da música, às vezes dedilhando um violão com certa dificuldade ou deslizando pelo salão abraçado a uma dama, pé-de-valsa conceituado que era. Nostálgico e parafraseando Fernando Pessoa, Lyra continua: “Hoje existe na minha alma uma cadeira presidencial a ser preenchida. Sonho com outro Juscelino”.



JUSCELINO KUBITSCHEK desfila na Esplanada dos Ministérios, na Caravana da Integração Nacional



INEZITA BARROSO canta para o presidente Juscelino Kubitschek e convidados no auditório da Rádio Nacional

As marcas de JK: confiança e otimismo

Conselheiro, amigo e confidente de JK, o imortal Josué Montello, que foi chefe da Casa Civil no governo JK, tem uma teoria curiosa sobre o sorriso do ex-presidente. "O mais marcante nele era sua capacidade de aliciamento. Político de cara amarrada só tem um destino: o fracasso", afirma. Não era estudo o sorriso de JK, garante Montello, que conviveu com o ex-presidente por mais de 20 anos. "Fazia parte da natureza dele. Quando é estudado, a gente percebe logo." Outra personalidade da era JK, o jornalista e ex-deputado Márcio Moreira Alves, não se arrisca a afirmar que JK foi o último presidente feliz do Brasil, mas ressalva: "Certamente foi o último presidente que transmitiu um inesgotável otimismo e confiança no futuro".

Montello lembra que o único fracasso de JK foi a tentativa de se eleger imortal da Academia Brasileira de Letras, perdida na disputa com Bernardo Elis, em 1975, logo após ter publicado o primeiro volume de suas memórias *Meu caminho para Brasília* e um ano antes de sua morte. "Na época, a Academia não tinha mulheres em seus quadros. Se tivesse, ele teria ganho a eleição..."

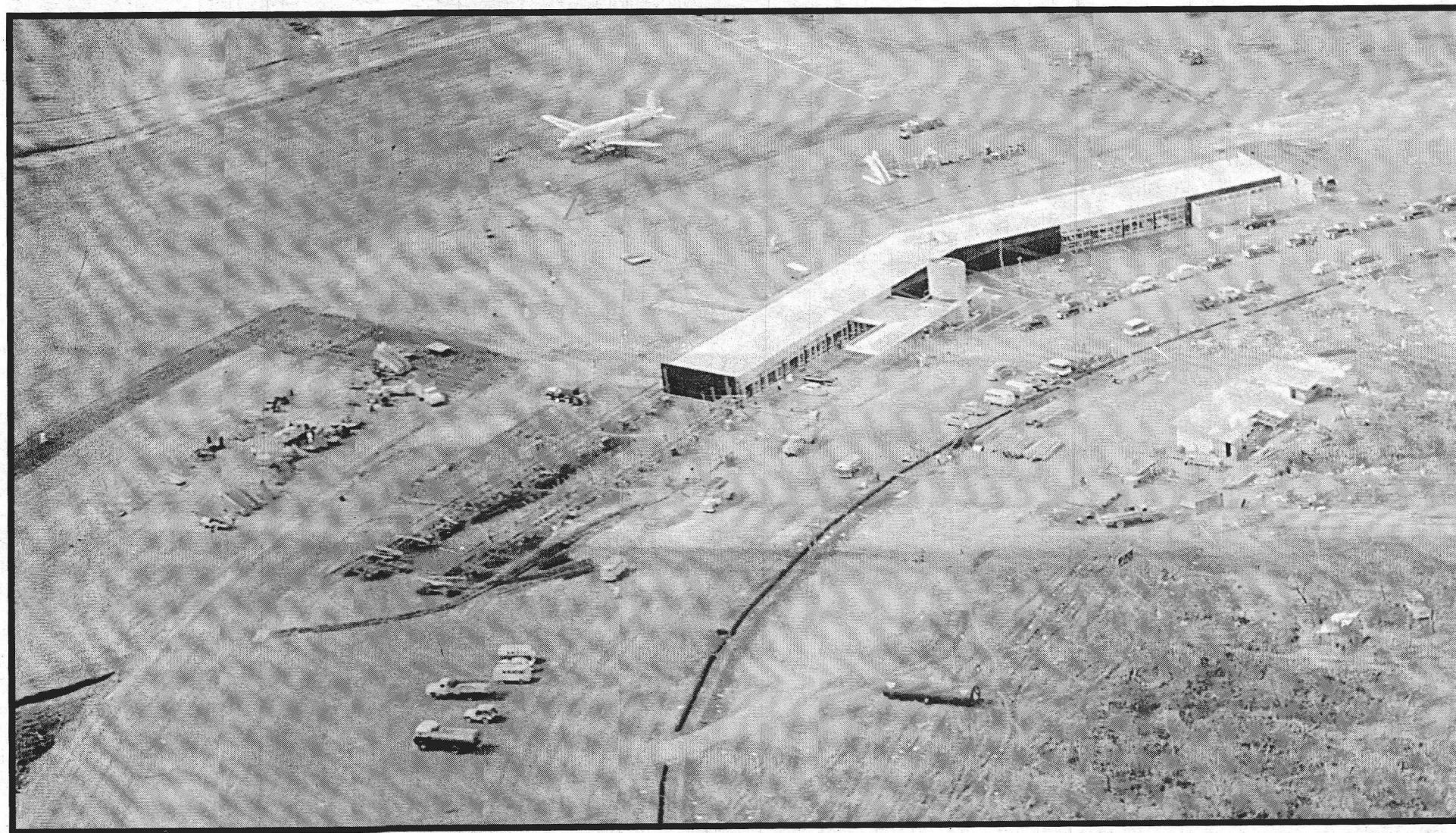


A MOVIMENTADA W3 Sul no início de Brasília



COMERCIANTES e populares tomam café num quiosque da W3 Sul um dia após a inauguração da cidade

Imagens de uma cidade em construção



O "AGITADO"
Aeroporto
Internacional de
Brasília, quando
estava sendo
construído, em 1957

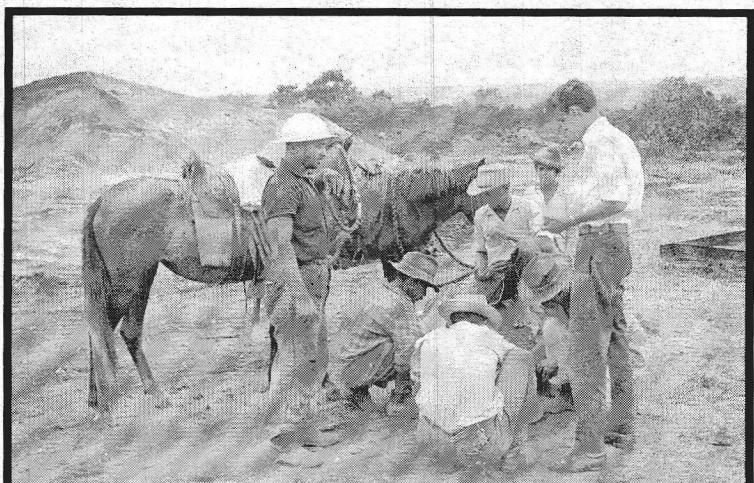
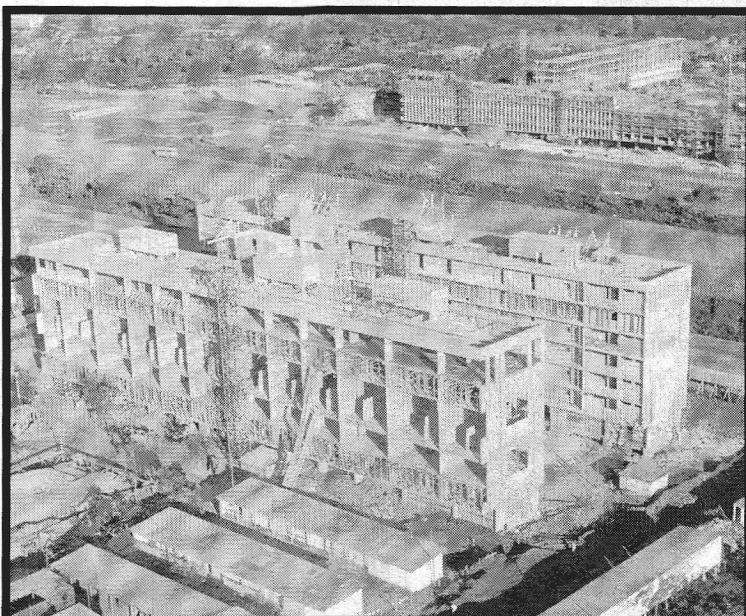


IMPROVISADA estação
de controle aéreo da
companhia Panair do
Brasil, em 1958



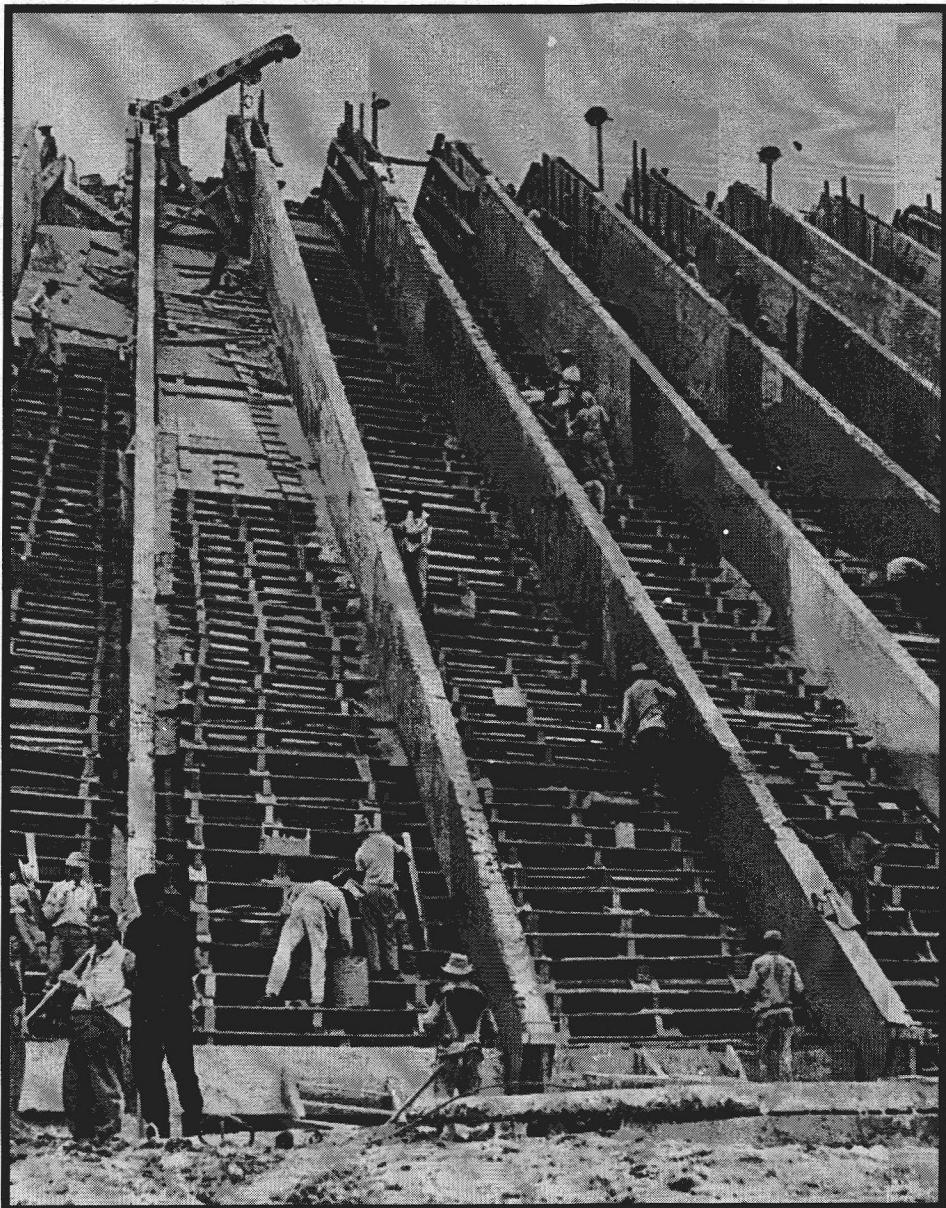
ESTUDANTES desfilam em
21 de abril de 1960, na
inauguração de Brasília

VISTA aérea da construção
das superquadras 108, 206 e
208, Sul em 1959



TRABALHADORES da construção
da barragem do Paranoá
descontraídos durante descanso,
em janeiro de 1959

Imagens de uma cidade em construção



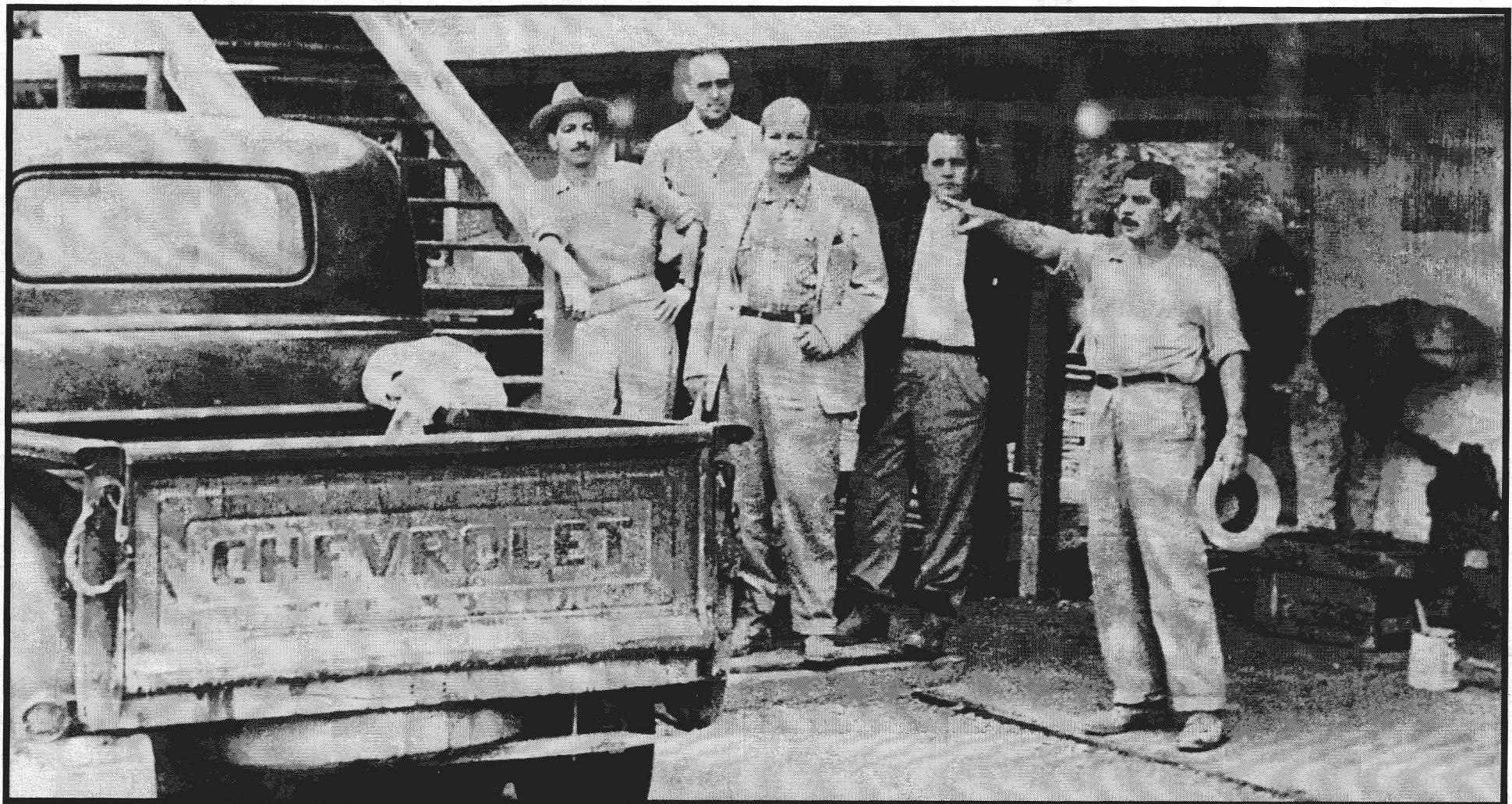
CONSTRUÇÃO do
Teatro Nacional,
em 1960



RESERVATÓRIO de água construído próximo à Praça do Cruzeiro, em 1958



ESTUDANTES
embarcam em
ônibus escolar na
W3 Sul, em 1960



NO CATETINHO, em 1956, Oscar Niemeyer, Rochinha, Juca Chaves e César Prates

HOSPITAL volante das pioneiras de Brasília, em 1957



Imagens históricas



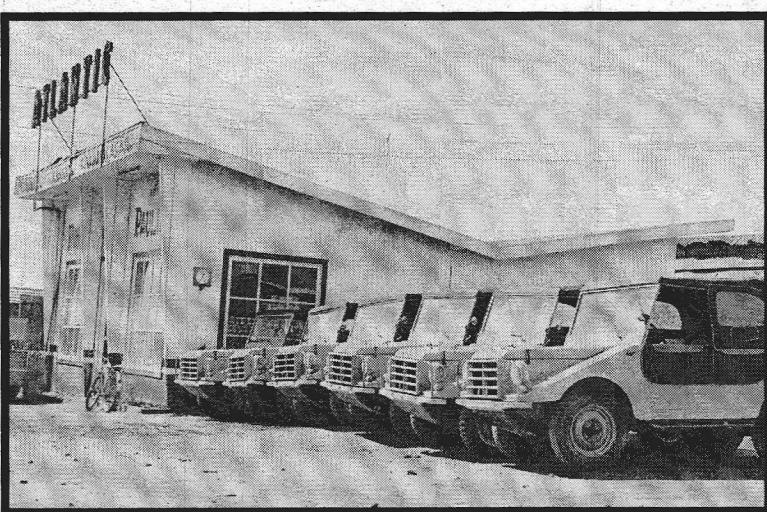
INAUGURAÇÃO de Hospital Volante das Pioneiras Sociais, com a presença da secretária geral Amélia Ataíde, em 1957



ALUNOS da Escola Industrial de Taguatinga em visita a uma gráfica, na década de 1960



POSTO de atendimento do IAPI, em 1960



UM DOS primeiros postos de gasolina de Brasília, em 1960